

Retórica e elogio nas cartas de Plínio, o Jovem

Kátia Regina Giesen

RESUMO: Este artigo discute, a partir dos pressupostos estabelecidos por autores como Cícero (*De oratore*) e Quintiliano (*Institutio oratoria*), de que modo Plínio, o Jovem, utiliza o gênero epidítico na carta I, 10. Analisam-se, além da elaboração textual do elogio, quais as possíveis finalidades da utilização desse tipo de discurso na obra epistolar pliniana. Tal uso parece estar relacionado tanto a um estabelecimento de perfis exemplares de virtude quanto a uma explicação sobre o próprio campo literário de que Plínio participa.

Palavras-chave: gênero epidítico; cartas de Plínio, o Jovem; carta I,10.

Nos textos que sistematizam a retórica na Antiguidade como, por exemplo, o *De oratore* (55 a.C.), de Cícero e a *Institutio oratoria* (96?d.C.), de Quintiliano, essa disciplina encontra-se dividida em três tipos principais - ou gêneros - de discurso. Não apenas de acordo com esses dois autores, mas também com uma longa tradição, tais gêneros principais são: o laudativo (*laudatiuum*)¹, o deliberativo (*deliberatiuum*) e o judiciário (*iudiciale*) (QUINTILIANO, *Inst.* III,3,14). Igualmente compostos pelas partes do discurso oratório (invenção, disposição, elocução, memória e ação), diferenciam-se por suas finalidades. O discurso laudatório (ou epidítico) tem a função de elogiar ou vituperar alguém; o discurso deliberativo é feito para exortar ou dissuadir; e, por fim, o discurso judiciário tem a finalidade de acusar, defender ou examinar alguma causa (QUINTILIANO, *Inst.* III,4,9).

Provavelmente em virtude da atividade política e forense em Roma, os discursos deliberativo e judiciário - e talvez principalmente esse último - foram considerados, por

¹ A nomenclatura dada a esse tipo de discurso é variável. O próprio Quintiliano discute, em *Inst.* III,4,12-16, acerca dos termos utilizados para nomear o gênero formado pelo louvor ou vitupério. Segundo ele, os termos latinos mais utilizados seriam demonstrativo e laudativo (*demonstratiuum, laudatiuum*) e os termos gregos, encomiástico, panegírico e epidítico. Também Russel (1998, p. 19-20) faz algumas considerações sobre os diferentes termos utilizados na definição do gênero.

muito tempo, mais importantes tanto na formação do orador, quanto na prática do discurso. Como afirma Russel (1998, p. 19), “Esses tipos de oratória ‘celebrativa’ [discurso epidítico] eram bastante distintos, no objetivo, dos tipos ‘deliberativo’ e ‘judiciário’, nos quais – e particularmente no ‘forense’ – o ensino retórico estava naturalmente concentrado”². Durante o período imperial, no entanto, e, especialmente no tempo em que se insere Plínio, o Jovem (segunda metade do século I d.C.), o gênero demonstrativo do discurso parece ganhar maior visibilidade. Bruce Gibson (2011, p. 104) se refere à produção de Plínio como inserida em uma “cultura do elogio e do vitupério”³. De fato, ao comparar o tratamento dado por Cícero e Quintiliano ao explicar o gênero epidítico, percebem-se algumas diferenças. Cícero aborda o tema de modo mais conciso. No que se refere ao gênero laudatório, ele deixa bastante clara sua menor apreciação, apresentando-o como “terceiro gênero” (CÍCERO, *De or.* II, 42-43) e como algo que se deve evitar, embora possa ser utilizado como parte constitutiva de outros discursos, em especial os de tipo *forense*. Quintiliano, por outro lado, realiza uma abordagem mais ampla, preocupando-se em dar maiores detalhes sobre os gêneros. Suas considerações sobre o discurso de tipo epidítico apresentam a prática laudatória como exercício fundamental para a formação do orador exemplar e a propõem como algo que pode ser positivo e mesmo valorizado em contexto romano (QUINTILIANO, *Inst.* II, 4, 20).

Uma das práticas mais famosas do discurso laudatório que propiciaram maior visibilidade e importância ao gênero foi a escrita e declamação de panegíricos. Em Roma, a produção desse tipo de discurso destaca-se principalmente com o estabelecimento do império e por meio da realização de *gratiarum actiones*, discursos de agradecimento por um benefício, das quais uma das mais conhecidas é a pronunciada por Plínio, o Jovem, em louvor ao imperador Trajano no ano 100 d.C.

²These kinds of ‘celebratory’ oratory were quite distinct in aim from ‘forensic’ and ‘deliberative’ types, on which – and particularly on the forensic – rhetorical teaching naturally concentrated. (RUSSEL, 1998, p.19 – tradução nossa). Também de acordo com Cícero (*De or.* 2.341).

³“This chapter will accordingly begin with a brief glance at the culture of praise and blame, especially praise, in the early empire, before examining oratorical praise under Trajan[...].” (Este capítulo começará, nesse sentido, com um breve olhar sobre a cultura do elogio e do vitupério, especialmente do elogio, no principado, antes de examinar o elogio oratório sob Trajano [...]) (GIBSON, 2011, p. 104).

Plínio não limitou, no entanto, a utilização do discurso epidídico apenas ao seu *Panegírico*. Em muitas de suas cartas é possível encontrar encômios textualmente elaborados e que fazem uso dos parâmetros definidos pela retórica, como, por exemplo, a obediência a uma ordem dos elogios e aos modelos de virtudes que devem ser louvadas.

No conjunto dos dez livros que compõem a obra epistolar de Plínio, há textos destinados tanto ao louvor de pessoas, como também de lugares e monumentos. No que se refere ao elogio individual, encontram-se na obra do autor elogios póstumos a algumas figuras conhecidas de sua época⁴, louvores a personagens femininas do convívio do autor⁵, e, ainda, textos que elogiam algum de seus contemporâneos, seja pela ascensão a um cargo público, seja pela produção literária ou valor intelectual desse amigo⁶.

Dentre essas diversas categorias de elogio, chamam especial atenção as cartas em que Plínio celebra algum dos contemporâneos ainda vivos, pois, segundo concepções ciceronianas, os homens, e em especial os homens ainda vivos, não possuem merecimento para serem louvados (CÍCERO, *De or.* II, 341-2).

Considerando que, na Antiguidade, a troca de missivas nem sempre possuía um aspecto reservado ao ambiente privado das relações entre pessoas, como costuma ser para nós, modernos, há que se notar a consciência de uma publicidade dos escritos de Plínio, o Jovem, sob a aparente condição de correspondência privada⁷. Desse modo, o elogio efetuado nessas cartas, em especial naquelas em que o elogiado é ainda um membro atuante da sociedade da época, pode nos levar a refletir sobre a construção de certas representações por meio do texto epistolar de Plínio, o Jovem.

⁴ *Ep.* II, 1; V, 5 e 21; VI, 10; VIII, 23 e IX, 9, por exemplo.

⁵ *Ep.* I, 16; III, 16 e IV, 19, por exemplo.

⁶ Por exemplo, as cartas I, 10, 16 e 22; II, 3; IV, 3, 17 e 27; V, 14 e 17 e VI, 21.

⁷ Como afirma Costa, “[...] os antigos já faziam a distinção entre carta particular e pública. A carta particular, de natureza reservada, destinava-se a um destinatário específico e pautava-se pela brevidade e por uma linguagem próxima do falar cotidiano. Seu conteúdo podia ser tão diversificado quanto o fossem as circunstâncias vivenciadas por seus remetentes [...] As cartas públicas, por sua vez, eram aquelas que, mesmo sendo dirigidas a um destinatário determinado, objetivavam alcançar um círculo consideravelmente amplo de pessoas. Elas podiam ter finalidade política, doutrinária ou poética” (COSTA, 2013, p. 31-32)

O aspecto simultaneamente público e privado das cartas está bastante evidente, por exemplo, na dedicatória da obra, que é também a primeira missiva, destinada a Septício Claro.

Com frequência você me encorajou a reunir e publicar minhas cartas, caso as tivesse escrito um pouco mais cuidadosamente. Reuni, não conservando a ordem temporal, pois certamente não estava compondo história, mas como cada uma veio às mãos. Resta que nem você da recomendação se arrependa, nem eu da obediência. Certamente assim se fará, de modo que as que até agora permanecem esquecidas eu procurarei e, se as tiver agregado, não esconderei. Adeus⁸

Destacam-se, nesse prefácio às cartas, por um lado, seu aspecto histórico, por outro, seu aspecto literário. Tendo sido enviadas, inicialmente, como correspondência privada⁹, as missivas parecem assumir, em muitos momentos, estatuto de relato verídico. Essa é, inclusive, uma impressão que Plínio parece querer reforçar em sua carta-prefácio quando afirma estar publicando os textos conforme vêm à mão. Por outro lado, vê-se nessa breve epístola de abertura um proêmio elaborado em formato bastante retórico. Plínio atrai a atenção de seu leitor (*captatio benevolentiae*¹⁰) por meio da ideia de que não é ele que deseja publicar as cartas, mas existe certo público - representado

⁸ C. Plinius Septicio <Claro> suo S. *Frequenter hortatus es ut epistulas, si quas paulo curatius scripsissem, colligerem publicaremque. Collegi non seruatō temporis ordine (neque enim historiam componebam), sed ut quaeque in manus uenerat. Superest ut Nec te consilii nec me paeniteat obsequi. Ita enim fiet ut eas quae adhuc neglectae iacent requiram et, si quas addidero, non supprimam. Vale.* (Plin.Ep., 1.1 – tradução nossa).

⁹ Há uma longa discussão sobre a autenticidade das cartas na tentativa de definir se elas foram ou não enviadas como textos privados. Para uma breve explicação das principais visões, C.f. SHERWIN-WHITE (1966, p. 11-12) e AUBRION (1989, p. 315-316). Concordamos, neste estudo, com uma visão mais atual da discussão, que considera as cartas como correspondência autêntica, mas sem negar um possível trabalho literário de edição realizado pelo autor.

¹⁰ Trata-se de um método de persuasão utilizado sempre no início dos discursos para fazer os ouvintes dispostos e interessados no que vai ser pronunciado. Quintiliano recomenda, por exemplo, que “[...] é desejável que se acredite que ele [o advogado] moveu a causa por um senso de dever, pela obrigação a um amigo, ou, ainda melhor, se for possível, por razões de ordem pública ou de importante caráter moral. Pois, sem dúvida, é mais interessante que os litigantes pareçam ter aceitado a ação por motivo nobre e razão honesta, ou ainda, por necessidade” (QUINTILIANO, *Inst.* 4. 1.7 - tradução nossa) “[...] *in primis existimetur venisse ad agendum ductus officio vel cognationis vel amicitiae, maximeque, si fieri poterit, rei publicae aut alicuius certe non mediocris exempli. Quod sine dubio multo magis ipsis litigatoribus faciendum est, ut ad agendum magna atque honesta ratione aut etiam necessitate accessisse videantur.* Embora nesse trecho Quintiliano esteja se referindo a prática forense, é bastante possível considerar esse recurso num contexto mais amplo de produção de discursos retoricamente elaborados.

pelo próprio Septício Claro – que deseja ter acesso a seus textos. Segundo o autor, tal texto pode, com um pouco mais de cuidado, tornar-se objeto de apreciação literária.

Por isso, pode-se analisar a obra epistolar de Plínio pensando que, embora suas missivas provavelmente tenham sido de fato enviadas a amigos, o autor lida com seus próprios textos vendo-os não apenas como um meio de comunicar-se com seus contemporâneos, mas como uma produção de caráter literário.

O tema da literatura que se coloca, ainda que de modo bastante sutil nessa dedicatória, é um elemento central, portanto, nas reflexões sobre as representações construídas por Plínio no decorrer de sua obra epistolar. É possível observar que, em grande parte dos textos de caráter laudatório presentes nas epístolas, a capacidade literária, a habilidade oratória ou então a elegância do discurso é um ponto central na construção da imagem do elogiado e na elaboração do próprio elogio. Para examinar de que modo Plínio constrói seu discurso e quais as possíveis funções dessa construção, propõe-se aqui uma breve leitura da primeira carta na obra em que há o encômio a alguém ainda vivo (PLÍNIO, *Ep.* I, 10).

Ao amigo Ácio Clemente

1. Se alguma vez nossa cidade floresceu por causa das artes liberais, ela, agora, floresce em seu máximo. 2. Há muitos e ilustres exemplos, um apenas seria suficiente: Eufrates, o filósofo. Eu o conheci profunda e intimamente quando, muito jovem, fui militar na Síria e esforcei-me para ser amado por ele, embora não fosse necessário o esforço. Ele é, de fato, acessível e disposto, cheio de uma humanidade que ele mesmo ensina. 3. E espero que eu mesmo tenha atendido à grande expectativa que ele criou então a meu respeito do mesmo modo que ele acrescentou muito a suas próprias virtudes; ou sou eu que as admiro mais porque compreendo mais, ainda que nem mesmo agora eu compreenda o suficiente. 4. De fato, assim como ninguém se não um artista pode avaliar o pintor, o escultor, o inventor, ninguém se não um sábio pode reconhecer um sábio. 5. No que é dado a mim julgar, no entanto, há muitas coisas em Eufrates que de tal forma dele emanam e vertem que educam e afetam até os medianamente doutos. Ele argumenta tênue, séria e elegantemente, além disso, com frequência aplica aquela sublimidade e grandeza de Platão. Seu discurso é copioso e variado, agradável principalmente, de modo que move e conduz até mesmo os relutantes. 6. Além disso, a estatura elevada do corpo, o rosto elegante, o cabelo pendente, a barba grande e branca, que podem ser considerados [atributos] casuais e insignificantes, a ele, no entanto, acrescentam maior reverência. 7. Não há nada de rude em suas maneiras, nem de desânimo, mas muito de seriedade. Encontrando-o, você o respeitaria, não recearia.

A retidão de sua vida é máxima, a delicadeza igualmente. Ele censura os vícios, não os homens, nem castiga os que erram, mas emenda. Você o acompanharia atento e cativo enquanto aconselhasse e desejaria também ser persuadido quando ele já o tivesse persuadido. 8. Ele já tem, por certo, três filhos, dois rapazes, os quais forma com a maior dedicação. Seu sogro, Pompeio Juliano, grande e ilustre, por um lado, pela trajetória de vida e, por outro, ainda por este feito, pois foi ele mesmo príncipe de província, que o elegeu como primeiro entre as mais altas condições de sua família, não pelas honras, mas pela sabedoria. 9. Por que, aliás, estou eu falando tantas coisas sobre um homem com quem não me é permitido conviver? Acaso é para que mais eu me angustie por não poder? De fato, estou ocupado com meu trabalho, tanto o mais ilustre, como o mais desagradável. Sento diante do tribunal, assino registros, preparo tabuinhas, escrevo várias, mas muitíssimo iletradas cartas. 10. Costumo alguma vez – isso ocorre, de fato, ocasionalmente – inquirir a Eufrates sobre essas ocupações. Ele me encoraja e ainda afirma ser essa uma parte, talvez a mais bela, da filosofia: conduzir o negócio público, saber julgar, promover e exercer a justiça, coisas que eles mesmos ensinam a ter em uso. 11. Apenas isso, no entanto, a mim não convence que mais valha fazer estas coisas que gastar todos os dias ouvindo e aprendendo com ele. Pelo que mais ainda exorto a você, que está livre, para que quando, em breve, vier para a cidade – e, portanto, venha mais rápido por isso – permita que ele o depure e lustre. 12. Eu certamente não invejo aos outros, como muitos, pelo bem do qual eu mesmo careço, mas, ao contrário, alcanço certo sentimento de alegria, se vejo aquilo que é negado a mim sobrar aos amigos. Adeus.¹¹

¹¹ C. PLINIVS ATTIO CLEMENTI SVO S. 1 Si quando urbs nostra liberalibus studiis floruit, nunc maxime floret. 2 Multa claraque exempla sunt; sufficeret unum, Euphrates philosophus. Hunc ego in Syria, cum adolescentulus militarem, penitus et domi inspexi, amarique ab eo laboravi, etsi non erat laborandum. Est enim obvius et expositus, plenusque humanitate quam praecipit. 3 Atque utinam sic ipse quam spem tunc ille de me concepit impleverim, ut ille multum virtutibus suis addidit! aut ego nunc illas magis miror quia magis intellego. 4 Quamquam ne nunc quidem satis intellego; ut enim de pictore sculptore fignore nisi artifex iudicare, ita nisi sapiens non potest perspicere sapientem. 5 Quantum tamen mihi cernere datur, multa in Euphrate sic eminent et elucent, ut mediocriter quoque doctos advertant et afficiant. Disputat subtiliter graviter ornate, frequenter etiam Platoniam illam sublimitatem et latitudinem effingit. Sermo est copiosus et varius, dulcis in primis, et qui repugnantes quoque ducat impellat. 6 Ad hoc proceritas corporis, decora facies, demissus capillus, ingens et cana barba; quae licet fortuita et inania putentur, illi tamen plurimum venerationis acquirunt. 7 Nullus horror in cultu, nulla tristitia, multum severitatis; reverentis occursum, non reformides. Vitae sanctitas summa; comitas par: insectatur vitia non homines, nec castigat errantes sed emendat. Sequaris monentem attentus et pendens, et persuaderi tibi etiam cum persuaserit cupias. 8 Iam vero liberi tres, duo mares, quos diligentissime instituit. Socer Pompeius Iulianus, cum cetera vita tum vel hoc uno magnus et clarus, quod ipse provinciae princeps inter altissimas condiciones generum non honoribus principem, sed sapientia elegit. 9 Quamquam quid ego plura de viro quo mihi frui non licet? An ut magis angar quod non licet? Nam distringor officio, ut maximo sic molestissimo: sedeo pro tribunali, subnoto libellos, conficio tabulas, scribo plurimas sed illitteratissimas litteras. 10 Soleo non numquam — nam id ipsum quando contingit! — de his occupationibus apud Euphraten queri. Ille me consolatur, affirmat etiam esse hanc philosophiae et quidem pulcherrimam partem, agere negotium publicum, cognoscere iudicare, promere et exercere iustitiam, quaeque ipsi doceant in usu habere. 11 Mihi tamen hoc unum non persuadet, satius esse ista facere quam cum illo dies totos audiendo discendoque consumere. Quo magis te cui vacat hortor, cum in urbem proxime veneris — venias autem ob hoc maturius —, illi te expoliendum limandumque permittas. 12 Neque enim ego ut multi invideo aliis bono quo ipse careo, sed contra: sensum quandam voluptatemque percipio, si ea quae mihi denegantur amicis video superesse. Vale. (tradução nossa).

Nessa carta, Plínio fornece um dos exemplos mais completos do modelo geral de discurso laudatório utilizado na sua obra epistolar. Para além da estrutura fixa das cartas, iniciadas sempre com “*C. Plinius suo* (nome do amigo) *S.*”, ou seja, “Caio Plínio saúda ao querido (nome do amigo)” e terminadas sempre com um “*vale*” (passe bem), o autor elabora seu texto mantendo uma determinada organização das informações: a) ele inicia as cartas expondo o tema do texto. No caso da *Ep.* I,10, o autor fala sobre um florescimento, ou melhor, um reflorescimento das artes liberais no contexto romano (I, 10, 1); b) Em seguida, menciona o nome daquele que será o elogiado - como que o apresentando - e fornece um julgamento geral sobre ele. Nessa carta, trata-se do filósofo Eufrates, apresentado por sua disponibilidade e sabedoria (I, 10, 2); c) Após isso, então, Plínio elogia o indivíduo como que analisando-o: fala do estilo, das técnicas que compõem sua produção, sua postura, vestimenta e habilidade de fala. Esse momento é o que se pode considerar como o desenvolvimento de um discurso epidítico mais propriamente dito (*Ep.* I, 10, 5-8); d) ao fim da carta, o autor tece alguma reflexão sobre a literatura, ou exorta seu destinatário a ler ou ouvir o elogiado. Na missiva em questão, trata-se do trecho I, 10, 11-12, quando o autor se dirige mais diretamente ao seu interlocutor.

É comum que haja, nas cartas, uma frase inicial bastante formulaica. Sherwin-White (1966, p. 5-9) enumera certos padrões de abertura utilizados por Plínio, o Jovem, que nomeia, no entanto, de “aberturas estilizadas” (*stylized openings*), pois, apesar de ser possível agrupá-las em certos tipos formulares, apresentam variações. Os tipos mais comuns de frase inicial são: a) as que, utilizando verbos como *rogas*, *quaeris* e *petis*, por exemplo, o missivista ressalta a existência do interlocutor e b) aquelas que afirmam o recebimento ou envio de algum texto, em geral discursos - ou seja, que reforçam o assunto da carta. No caso da epístola I, 10, o início não se dá por nenhum desses modos, mas sim por meio de uma afirmativa do autor, num tom que se aproxima de uma *sententia*, em que declara um reflorescimento das artes liberais em sua época¹². Datada provavelmente do ano de 98 d.C., após o retorno dos filósofos que haviam sido expulsos pela dinastia anterior (SHERWIN-WHITE, 1966, p. 118), essa epístola, pelo modo

¹² Plínio faz afirmativas desse mesmo tipo em outras cartas, como, por exemplo, na *Ep.* I, 13, 1.

como inicia, pode estar relacionada com a representação de um novo momento no império, ou seja, Plínio parece estar reforçando um contraste entre o momento em que vive, sob o governo do imperador Trajano, e o período anterior, governado pela dinastia flaviana. Esse é um contraste que se encontra, muitas vezes, no *Panegírico*. Como afirma Bruce Gibson,

Não só o Panegírico de Plínio, mas também o décimo livro das Cartas, direcionado a Trajano (que reinou entre 98-117), fornecem certamente um impulso irresistível e poderoso para considerar Plínio como parte da grande época de Trajano, a qual o seu contemporâneo Tácito descreveria na abertura de suas *Histórias* como um tempo feliz, *ubi sentire quae uelis et quae sentias dicere licet* ("quando você pode pensar o que quiser, e dizer o que pensa", *Hist.* 1.1.4). (GIBSON, 2011, p. 104)¹³

O restante da carta colabora para essa reflexão, uma vez que dá continuidade a uma tópica que se mostra bastante comum em outras cartas epidíticas de Plínio: a visibilidade dada à produção intelectual de sua época.

O elogio ao filósofo Eufrates segue, em muitos aspectos de sua estrutura interna, critérios estabelecidos pelos tratados de retórica. Ao falarem da prática do discurso epidítico direcionado aos homens, tanto Cícero quanto Quintiliano estabelecem que o elogio se estrutura com base conjuntamente nos bens que a natureza forneceu ao elogiado, como estirpe, beleza e força e nas ações desenvolvidas pelo indivíduo, como caráter e habilidade oratória (CÍCERO, *De Or.* II, 342-348; QUINTILIANO, *Inst.* III, 7, 10-16).

Na carta I, 10, 5-8 a utilização desses parâmetros fica bastante clara. Primeiramente (I, 10, 5), Plínio elogia a inteligência e a habilidade oratória do filósofo, tanto em relação ao modo como expõe quanto a como constrói seu discurso. O missivista utiliza inclusive um recurso aconselhado por Cícero (*De or.* III, 348), que é a comparação do elogiado a outros homens notáveis, estabelecida, nesse caso, entre Eufrates e Platão. Em seguida (I, 10, 6), Plínio fala dos atributos físicos do filósofo,

¹³ Not only Pliny's *Panegyricus*, but also the tenth book of the *Letters*, dealing with Trajan (reigned 98–117), provide of course an irresistible and powerful impulse to consider Pliny as part of the great age of Trajan, what his contemporary Tacitus was to describe at the opening of his *Histories* as a fortunate time, *ubi sentire quae uelis et quae sentias dicere licet* ('when you can think what you want, and say what you think', *Hist.* 1.1.4) Tradução nossa.

relacionado-os também aos aspectos morais, especialmente a uma respeitabilidade (I, 10, 7). Por fim, o autor fala da estirpe de Eufrates, tanto em relação à descendência (os filhos) quanto em relação à ascendência (representada pelo sogro). Nesse segundo aspecto do elogio por meio da família, percebe-se que o autor optou por uma solução diferenciada. Para enobrecer Eufrates, Plínio utiliza não sua família natural, como o pai, mas sim a figura do sogro, escolhida pela notabilidade social que reflete sobre o elogiado.

Os parâmetros estabelecidos por Cícero e Quintiliano, todavia, não se detêm apenas nessa estruturação textual do elogio. Para eles, e em especial na visão defendida por Cícero, subjaz no louvor feito ao homem, na verdade, um aspecto mais filosófico da exaltação às virtudes humanas. Em suas obras, os autores citam – sem fazer alguma explicação mais delongada sobre – as seguintes virtudes: *beneficentia*, *clementia*, *iustitia*, *benignitas*, *sapientia*, *fides*, *fortitudo*, *magnitudo* e *continentia* (CÍCERO, *De or.* II, 343-344; QUINTILIANO. *Inst.* III, 7, 15.). No encômio a Eufrates, as virtudes que parecem mais evidentes são a *benignitas* (benignidade) e a *continentia* (moderação; ou *temperantia*: temperança). No que se refere à benignidade, Plínio destaca, em I, 10, 3, a acessibilidade do filósofo em relação aos discípulos, ressaltando que “Ele é, de fato, acessível e disposto, cheio de uma humanidade que ele mesmo ensina.”, ideia que o autor reforça em I, 10, 5, ao falar da capacidade desse sábio em se fazer entendido mesmo pelos homens de conhecimento mediano¹⁴ e de como, usando um discurso agradável, convence até os ânimos mais difíceis¹⁵.

A *continentia*, por sua vez, fica evidente na descrição que Plínio faz de Eufrates tanto em relação ao seu estilo de discurso, quando mostra que o filósofo é, ao mesmo tempo, ténue e grave¹⁶, quanto em relação a sua moral e ao modo como lida com os discípulos, quando o descreve física e moralmente como um homem sério e admirável, ao mesmo tempo que agradável¹⁷. No trecho I,10.6-7, Plínio louva não a autoridade e a severidade de Eufrates, mas sua capacidade de, mesmo sendo alguém elevado, não

¹⁴ “[...] há muitas coisas em Eufrates que de tal forma dele emanam e vertem que educam e afetam até os medianamente doutos” (*Plin. Ep.* I, 10, 5)

¹⁵ “Seu discurso é copioso e variado, agradável principalmente, de modo que move e conduz até mesmo os relutantes” (*idem*)

¹⁶ “Ele argumenta ténue, séria e elegantemente [...]” (I, 10, 5)

¹⁷ “A retidão de sua vida é máxima, a delicadeza igualmente” (I, 10, 7)

deixar de ser comedido em relação a suas atitudes. Nesse contexto, a utilização de uma série de oposições dos significados das palavras no texto reforça a ideia de moderação.

[...] Ele argumenta tênue (*subtiliter*), séria (*graviter*) e elegantemente [...] Não há nada de rude (*nullum horror*) em suas maneiras, nem de desânimo (*nulla tristitia*), mas muito de seriedade (*multum severitatis*). Encontrando-o, você o respeitaria (*reverearis*), não recearia (*reformides*). A retidão de sua vida é máxima, a delicadeza igualmente. Ele censura os vícios, não os homens (*vitia non homines*), nem castiga os que erram, mas emenda. (PLÍNIO, *Ep.* I, 10, 5 -7)

Desse modo, o elogio aos atributos naturais – no caso de Eufrates, especialmente sua fisionomia – e às qualidades adquiridas – na carta, a eloquência e o modo de lidar com os ouvintes – parecem enaltecer não apenas o indivíduo referido, mas as virtudes praticadas por ele.

Tendo visto, portanto, que Plínio, o Jovem, elabora um breve discurso epidítico usando como suporte o gênero epistolográfico e baseado em critérios bem definidos pelos autores de Retórica, cabe questionar quais as finalidades do uso desse modelo discursivo na obra epistolar do autor. Mais que a uma resposta unívoca, no entanto, as epístolas de Plínio parecem apontar para várias direções de leitura, que estão de algum modo relacionadas.

É fato que a correspondência de Plínio, organizada e publicada por ele mesmo ainda em vida, possui um caráter simultaneamente público e privado. Além disso, a iniciativa de organizar e mesmo editar suas próprias correspondências configura um trabalho literário do autor¹⁸. Consequentemente, é necessário que a leitura das cartas passe pela ideia de construção de representações, pois, Plínio procura, por meio da obra epistolográfica, construir imagens de si e dos outros que figuram como assunto ou mesmo como correspondentes de suas missivas. O elogio presente em muitas das cartas parece ser, portanto, o meio pelo qual Plínio escolhe construir tais imagens.

A primeira dessas representações está relacionada ao elogio das virtudes apresentado há pouco neste estudo. Partindo da compreensão de que subjaz no louvor a

¹⁸ Aubrion (1989, p. 358) comenta o fato de que a arte da correspondência pliniana estaria manifesta justamente na organização dos livros. Pensada pelo autor, essa organização teria como objetivo uma variação de correspondentes, dimensões e temas dos textos, que atribuiria maior vivacidade à obra como um todo.

Eufrates um enaltecimento das virtudes desejáveis nos homens, Plínio não está construindo apenas a imagem desse filósofo específico, mas o perfil exemplar de intelectual que é o desejável para ele e muito possivelmente para sua época. O modo como o missivista apresenta seu elogiado no início da carta corrobora para essa interpretação. Em I, 10, 2, o autor afirma “*multa claraque exempla sunt; sufficeret unum, Euphrates philosophus*” (Há muitos e ilustres exemplos, um apenas seria suficiente: Eufrates, o filósofo). Nesse caso, a palavra *exemplum* (pl. *exempla*) parece assumir não apenas o sentido mais comum em português, de uma amostra, mas sim de um modelo a ser seguido¹⁹. Eufrates, o filósofo, se destacaria como o modelo entre os outros. Nesse sentido, Plínio estaria talvez não se afastando da recomendação ciceroniana acerca do elogio aos homens, mas sim se aproximando, pois seu elogio teria não apenas a função de deleitar seus ouvintes - tipo de louvor que Cícero atribui aos gregos - mas também de educar seus ouvintes acerca das virtudes a serem seguidas²⁰.

Outra representação encontrada no texto epidítico das cartas se relaciona com a eternização do nome de alguém notável. Em contexto romano, o discurso laudatório parece ter sua origem principalmente a partir de discursos fúnebres²¹, ocasião em que também eram feitas estátuas ou representações materiais daquele que morreu. Como afirma Martins (2014, p. 82), tais representações materiais tinham uma função social memorialística e educativa. É possível pensar, a partir disso, que também os discursos ajudariam a compor tal função. No caso da carta I, 10, de Plínio tem-se uma situação ligeiramente diferente, não se trata de um texto fúnebre, mas do elogio a alguém ainda em vida. Essa diferença, todavia, não invalida uma compreensão de que, ao elogiar, em uma carta inicialmente privada, mas que foi selecionada para publicação, uma figura

¹⁹ Nesse contexto, concordamos com a visão apresentada por MATOS (2011, p. 160, nota 1): “O termo *exemplum* será empregado quando aludir a imagens que, distanciadas, seja do ponto de vista físico, seja espacial, acabam por não representar estritamente os objetos a que se referem, pois visam a divulgar uma conduta “padrão” que obedece a interesses sociopolíticos”.

²⁰ Esse aspecto educativo do elogio foi explorado por alguns analistas do *Panegírico* de Plínio. Para eles, o elogio a Trajano, mais que enaltecer as virtudes desse príncipe teria como função fornecer a ele um modelo de conduta, um ideal para ser seguido. C.f. COSTA & VENTURINI, 2013.

²¹ Como atesta o próprio Cícero “De fato, os próprios gregos com frequência escreveram louvores mais para a leitura e deleite ou para honrar algum homem do que para uma utilidade prática do fórum; há livros deles em que louvam Temístocles, Aristides, Agesilau, Epaminondas, Felipe, Alexandre e outros; os nossos louvores, que empregamos no fórum, ou apresentam uma brevidade nua e sem adornos de um testemunho, ou são escritos para um discurso fúnebre, que é completamente inadequado para exibir habilidades discursivas” (Cic. *De or.* 2.341. Trad. Adriano Scatolin).

notável de sua época, Plínio torna esse indivíduo imortalizado. A partir do momento em que o autor constrói um retrato público de Eufrates, ele propaga para sua época e para as próximas gerações tanto o nome desse filósofo, quanto o perfil exemplar que ele representa.

Esse processo de perenização não se limita, no entanto, ao nome do elogiado. Ao compor o discurso laudatório sobre Eufrates, Plínio também está compondo uma imagem exemplar de si mesmo. O fato de conhecer, conviver e admirar o filósofo de algum modo coloca o próprio missivista em um patamar elevado de intelectualidade. Esse é um fato que se torna evidente em vários momentos da epístola I, 10, mas especialmente notável na símile elaborada pelo autor em I, 10, 3-4

E espero que eu mesmo tenha atendido à grande expectativa que ele criou então a meu respeito do mesmo modo que ele acrescentou muito a suas próprias virtudes; ou sou eu que as admiro mais porque compreendo mais, ainda que nem mesmo agora eu compreenda o suficiente. De fato, assim como ninguém se não um artista pode avaliar o pintor, o escultor, o inventor, ninguém se não um sábio pode reconhecer um sábio.

Nesse trecho Plínio argumenta, de um modo sutil e elaborado, que ele mesmo é um sábio por poder compreender, ainda que não completamente, outro sábio.

Essa representação de si mesmo como participante de um campo intelectual bastante produtivo é, inclusive, uma tópica que pode ser encontrada em outras epístolas do autor. Este estudo restringiu-se à análise mais específica da carta I, 10. No conjunto dos dez livros da obra epistolar de Plínio, no entanto, há várias outras cartas direcionadas ao elogio de intelectuais de sua época. Nesses textos, destaca-se o fato de que Plínio parece se colocar como uma espécie de crítico da literatura de seu tempo, pois, de algum modo, ele elabora uma análise sobre aqueles que elogia: fala das técnicas, das partes do discurso, dos tipos de versos usados e os avalia (nesse caso, ressaltando o que têm de bom). Assim, o autor parece querer mostrar que a produção intelectual, e especialmente a literária, de seu tempo é bastante significativa, não só em volume – uma vez que ele cita grande quantidade de recitações e publicações dos amigos –, mas também em qualidade – quando enumera os predicados das produções que cita. A análise dessas representações exige, no entanto, ainda um estudo de maior fôlego.

Rhetoric and praise in the letters of Pliny the Younger

ABSTRACT: This article discusses, based in the assumptions established by authors like Cicero (*De oratore*) and Quintilian (*Institutio oratoria*), how Pliny the Younger uses the epideictic genre in the letter I, 10. It analyzes the textual construction of the praise and the possible purposes of use this kind of discourse in epistolary Plinian work. Such use might be related both to an establishment of exemplary virtue profiles as an explanation of the literary field that Pliny participates.

Key-words: epideictic genre; letters of Pliny the younger; letter I,10

Referências

AUBRION, Etienne. La “Correspondance” de Pline le Jeune: Problemes et orientations actuelles de la recherche. *ANRW*, Berlin et New York, v. II, n. 33, p. 304-374, 1989.

CICERO. *Do orador*. Trad. Adriano Scatolin. In: *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. 308p. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009

COSTA, Marco Antonio da. *Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição*. 2013. 140 p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

COSTA, Alex Aparecido; VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. *Virtus e o mos maiorum* do príncipe ideal no panegírico de Trajano. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 2, n. 6, 2013. p. 23-40. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fabio/ojs/index.php/oficinadohistoriador>>. Acesso em: 20 de maio de 2014.

GIBSON, Bruce. Contemporary Contexts. In: ROCHE, Paul (ed.). *Pliny's Praise: The Panegyricus in the Roman World*. New York: Cambridge University, 2011. p. 104-124.

MATOS, Marly de Bari. A imagem da criança e uma criança destituída de imagem: considerações sobre a infância nas cartas de Plínio o Jovem. In: MARTINS, Paulo; CAIRUS, Henrique; OLIVA-NETO, Paulo Martins. *Algumas visões da Antiguidade*. Vol.2. Rio de Janeiro: 7letras, 2011. p. 160-176.

MARTINS, Paulo. Os romanos, o direito, a imagem e a morte. In: FAVERSANI, Fábio; JOLY, Fábio Duarte (orgs.). *As formas do Império Romano*. Mariana (MG): UFOP, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/7734532/JOLY_Fabio_Duarte_FAVERSANI_Fabio_orgs._As_formas_do_Imperio_Romano>. Acesso em 14 de novembro de 2014. p. 81-93.

PLINY. *Letters: Books I-VII*. Trans. Betty Radice. Cambridge: Harvard University, 1969.

PLINY. *Letters: Books VIII- X and Panegyricus*. Trans. Betty Radice. Cambridge: Harvard University, 1969.

QUINTILIANUS. *Institutio Oratoria*. Trans. H. E. Butler. London: Harvard University, 1980.

RUSSEL, Donald. The panegyrist and their teachers. In: WHITBY, Mary (Ed.). *The propaganda of power: The role of panegyric in late Antiquity*. Boston: Brill, 1998. p. 17-50.

SHERWIN-WHITE, Adrian Nicholas. *The Letters of Pliny: A Historical and Social Commentary*. Oxford: Clarendon, 1998 [1966].

Data de envio 30 de novembro de 2014

Data de aprovação: 11 de janeiro de 2015

Data de publicação: 19 de fevereiro de 2015